



SPEAK OF THE DEVIL

Fabio Arthur Maglio

1ª edição

MMXXIII

www.clubedeautores.com.br





Clube de Autores 2023

Direitos Todos Reservados ®

Também em formato ebook .

Colaboração textual J. Maglio

Coordenação de Arte – Pinhead Artes

Correções – Fabio Arthur Maglio e Eurípedes Maia

Copyright 2023.

E-mail: fabioarthurmaglio@gmail.com

Instagram: @maglio_fabio

Capa: J. Maglio, Fabio Arthur Maglio e Evaldo Teles

Diagramação: Leopoldo Maglio

Incluídas – Bibliografias e Filmografias.

Ozzy Osbourne – Speak of the Devil





Introdução ao Texto

Quão importante fora os anos oitenta para disseminação da música, e dito isso, o Heavy Metal, manteve o interesse de jovens europeus e através do mundo afora. No caso de Ozzy Osbourne, ele viria do Black Sabbath e elaboraria uma carreira de sucesso com sua então empresária e após - esposa, - Sharon Arden -, filha do megaempresário, Don Arden e um dos homens mais complicados do business musical.

Por algum motivo, Ozzy iria permanecer com mais afinco em evidência durante os primeiros anos de carreira solo, mas ao final dessa década ele entraria em uma nova fase e recuperaria sua força.

Os discos lançados por Ozzy, *Blizzard of Ozz*, qual seria também o nome do projeto de época no ano de 1980 e *Diary of a Madman* no ano 1981, renderiam uma fonte mais fértil sob a expectativa de uma carreira oportuna. Ainda assim, ele traria consigo outros trabalhos como *Bark at the Moon* de 1983, auge do auge de vendas.

Em 1982 o mundo da música alternava estilos, as bandas de rock outrora fossem mais acessíveis, estavam agora vagando por uma elaboração com guitarras mais ásperas, com suas evoluções beirando em velocidade de luz – o chamado de *Thrash Metal*. Ainda nesse quesito, todos os elementos novos vinham de fato de influência direta de grupos como o Black Sabbath, Iron Maiden, Motörhead e Judas Priest. Seriam os novos caminhos metálicos em direção para uma avalanche de bandas com vertentes de forte apelo sonoro; quer



fosse na bateria, vocais e cordas. Ozzy, por sua vez, rebatia os ex – companheiros de Sabbath lançando o duplo, *Speak of the Devil*, um disco necessário e que traria uma experiência nova aos fãs que almejavam um trabalho ao vivo com músicas do Black Sabbath na voz do vocalista. Em suma nesse processo todo, você leitor vai entender o porquê desse disco não ser exatamente gravado de fato com o público e a tal necessidade de lançar essa obra em mesmo período do qual Dio soltava com o Sabbath o primeiro oficial do grupo; trazendo assim uma divergência enorme entre fãs e bandas.

Partindo desse período, inúmeras bandas estavam na ativa vivenciando trabalhos grandiosos, como o Iron Maiden com o disco *The Number of the Beast*, o Judas Priest com *Screaming for Vengeance*, Scorpions com *Blackout*, Kiss com *Creatures of the Night* e Motörhead com *Iron Fist*. Toda essa mobilização variada do rock, hard e metal, em um ano repleto de discos ótimos e que comandavam os anos oitenta, na vertente de música pesada; ainda assim, outros estilos figuravam como importantes como o Pop Music e a chamada de Dance Music, uma variação do Pop com eletrônicos.

A diferença maior, era que Ozzy seria um artista reverenciado no meio, ele era o mentor e o ajudante criador do Heavy Metal.

Fabio Arthur Maglio.



Esse livro é dedicado aos fãs de Ozzy Osbourne,
aos fãs de rock pesado e/ou heavy metal e aos
jovens que vivenciaram os anos oitenta.





Capítulos Diabólicos

A representação do heavy metal

The Madman... is back...

Seguindo na estrada

O diário de um louco!

E falando no diabo

Black Sabbath

Nas trevas

Morcegos

Entrevista ao Guardian

Randy Rhoads: Entrevistas

Entre o limite e o caos

Discografia anos 80

Bibliografia

Filmografia









Capítulo I

A representação do heavy metal

Um novo conceito musical, uma estrutura altamente responsável por um movimento crescente e obviamente, muito bem aceito por uma assembleia de jovens famintos por uma nova vertente entre sons, letras e por que não, de ídolos cabeludos, empunhando guitarras das quais a sonoridade seria crua, ágil e voraz. Esse seria o sinal de um caminho, qual nos EUA, Europa e o restante do vasto mundo, compartilhariam ao final dos anos setenta em diante. O Black Sabbath seria o culpado, sim, eram os ingleses desleixados, exímios músicos e altamente gabaritados por suas crenças, criatividade e vontade de ser alguém; afinal os The Beatles, eram alguém, eram conhecidos por tocarem o Rock e tocarem nos corações dos jovens de décadas anteriores - e ainda são - e discos como; *Beatles for Sale* e *Rubber Soul*, fariam todo o sentido para com os meninos e meninas – que sonhavam em obter liberdade através da música e da arte. A fonte de “rebelia” começara de fato com Elvis Presley, mas ele vinha de um alicerce anterior, adjunto de Johnny Cash, sim – seriam, anteriores a eles, Chuck Barry e porque não Little Richard, mas, com o passar dos tempos a música foi se modificando e entre um elemento mais intenso, denso, mudou – se a forma de pensar; eram esotéricos, libertos, cabeludos, usavam a guitarra como uma agulha cutucando e fazendo ruir os ossos, era o *Metal* que surgia. Afinal o The Who, tornava – se pesado, era uma essência de Rock e Blues e um som cortante com uma bateria fulminante marcando passos entre estrondos e assim também seria o Led Zeppelin – ouça *Led Zeppelin II*, que fenomenal! O Pink Floyd ainda era visto como grande, mas ele era parte daquele começo que saiu dos The Beatles, culminando com uma influência de *Sgt. Peppers and Lonely Heart Club Band*, qual seria uma alavanca, tanto para o Floyd em questão, quanto para uma geração futura; incluso Ozzy e seus comparsas de Sabbath. O momento era de mudanças e radicais, visto que ainda existiam os The



Spooky Tooth e os Doors haviam parado, o Yes continuava – diferente – e ainda havia nas *paradas*, um tal de Alice Cooper, filho de Beatles com Who e o Hard setentista e porque não de Black Sabbath, mas com suas entranhas metálicas aprofundadas por letras sobre as guerras, revoltas pessoais contra o mundo e sobre ocultismo. Tudo se encaixara perfeitamente, o Sabbath era um inovador, assim como o Judas também o faria anos depois, em 1976, com *Sad Wings of Destiny*.

O Black Sabbath continuou – sem Ozzy -, mas a música continuava a mudar, era um momento em que ainda seria apreciada, por uma nova e por uma nem tão velha assim, geração pós – Beatles.

Agora, o Rock pesado do AC/DC e misturado com Stones e Muddy Waters, deixava sua marca desde 1979 com aquele *Highway to Hell* – último suspiro de Bon Scott. Ainda havia o Van Halen, cru e pesado, estourando nas *paradas* e não deixando de lado o Iron Maiden, que sim, brincava com os elementos do passado, desde o Protometal do Led Zeppelin indo até o real metal do Sabbath e do Judas, mas que bebia na fonte do Nektar e do Jethro Tull de Ian Anderson. Ainda falando sobre o Iron Maiden, os discos *Killers* e *The Number of the Beast*, seriam um apogeu metálico dentro do gênero.

Mas não esqueçamos do legado do Motörhead; *Bomber*, *Ace of Spades* e *Iron Fist*, discos renomados e aclamados por fãs, sedentos por algo cada vez mais pesado e denso e/ou rápido; como queiram!

E mantendo um segmento dentre tantos estilos e bandas, os novos elementos não paravam, o Sodom influenciado por Motörhead, mantinha uma raiz também no Metal clássico, sim, eles ouviam Judas Priest também e por certo, o Venom outro grupo britânico, seguia na direção por um trajeto já feito pelo Sabbath, Judas e Motörhead e o disco do Venom – *Black Metal*, trazia essa carga do ocultismo, o som de peso em uma mistura dos antepassados metálicos.